

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

MARIA KATIA MOREIRA

**Histórias e memórias de operárias da companhia Agro-Fábril Mercantil - Fábrica da
Pedra Delmiro Gouveia 1946 -2018**

DELMIRO GOUVEIA
2020

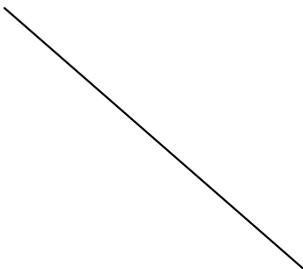
MARIA KATIA MOREIRA

**Histórias e memórias de operárias da companhia Agro-Fábril Mercantil - Fábrica da
Pedra Delmiro Gouveia 1946 -2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de graduada em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ricardo

DELMIRO GOUVEIA
2020



Folha de Aprovação

MARIA KATIA MOREIRA

**Histórias e memórias de operárias da companhia Agro-Fábril Mercantil - Fábrica da
Pedra Delmiro Gouveia 1946 -2018**

Trabalho de conclusão de curso de
Licenciatura Plena em História, da
Universidade Federal de Alagoas e
aprovada em 28 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima (Orientador- UFAL/Campus Sertão)



Prof. Esp. Marcus Swell Brandão Menezes (Examinador Externo – SEMED/NEDER)



Prof. Dr. Aruã Silva de Lima (UFAL/FSSO)

RESUMO

Descrever a realidade de operárias em sua labuta em uma fábrica têxtil no Alto Sertão de Alagoas é resgatar as origens de um povo oprimido, mas que se demonstrou um povo de resistência a opressão. Tendo como objetivo compreender as necessidades do estudo histórico das memórias de algumas operárias da Fábrica Têxtil cidade de Delmiro Gouveia-AL. Justifica desenvolver este trabalho oral para a manutenção da história oral popular e realidade feminina no sertão alagoano, diante do trabalho pesado e insalubre de uma fábrica têxtil. Tendo como metodologia analisar relatos de 04 mulheres de sua realidade em desenvolver uma vida inteira dentro de uma indústria têxtil, contrastes e fatos sobre o processo laboral. Concluindo que trabalhar a realidade de algumas mulheres no processo laboral de uma indústria têxtil em uma cidade afastada dos grandes centros urbanos, demonstra que essas mulheres avançaram em seu tempo, rompendo não só os paradigmas da mulher – mãe, mas de alguém que almejava ter o seu sustento de forma digna, que virava noites a trabalhar seja em um tear ou concertando ‘tramas’¹ arrebitadas no decorrer do processo têxtil.

Palavras-chave: Resistência. Mulheres. Indústria têxtil.

¹ Conjunto dos fios dispostos no sentido transversal, horizontal ou de largura do tecido, e que são entrelaçados pelo fio da urdidura.

1 INTRODUÇÃO

A procura pela compreensão da cultura oral abre espaço para a realidade social em vários contextos, não obstante, a história oral deve ser entendida, nas suas limitações, como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento.² Com este propósito, nossa pesquisa adentrou em uma área como as memórias de operárias da Fabrica da Pedra, que esteve localizada na cidade de Delmiro Gouveia-AL no período de 05 de junho de 1914 a 31 de Janeiro de 2017, cem e três anos de existencia de muita história no Alto Sertão alagoano.

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas com quatro ex-operárias que discorrem de nossa forma lúcida e expressam pontos interessantes sobre o desenvolvimento do processo laboral dentro da empresa e sua jornada enquanto dona de casa e mãe. As quatro entrevistadas relatam situações adversas aos seus tempos de serviços em uma unidade fabril que procurava produzir dentro da ótica capitalista, camuflando os interesses da exploração através de mecanismos de inclusão de vários familiares no corpo da empresa para que ninguém pudesse reivindicar melhorias, porém teriam que trabalhar dentro da realidade que a empresa propôs, com isto os anos passavam e pouco se adquiria com o trabalho fabril. As jornadas das operárias eram difíceis de serem compreendidas porque não podiam opinar, as formas de trabalho eram complexas de acompanhar e elas trabalhavam seis horas, repousavam doze horas e tinham um diferencial: os horarios eram modificados em alguns dias para doze horas com sono e cansaço, mas firmes nos objetivos de vencerem e se manterem confiantes.

Tendo como objetivo compreender as necessidades do estudo historico das memórias de operárias da Fábrica da Pedra da cidade de Delmiro Gouveia-AL, relacionando aos objetivos específicos como: conhecer as perspectivas e processos de uma operária em meio aos contrastes de um campo dominado por homens; reconhecer a importância das memorias das operárias e demonstrar os caminhos e descaminhos das perspectivas e processos da contemporaneidade na realidade destas mulheres.

A realidade de um trabalhador em uma fábrica de tecidos é difícil para homens e, principalmente, para mulheres devido a complexidade do desenvolvimento laboral, assim como os próprios horários a serem cumpridos, contudo permaneciam os/as operários/as que realmente tinham objetivos traçados em viver para a empresa. O trabalho de um operário era

² BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1979

regrado à força física, tal como a dedicação. Trabalhar na fábrica de tecidos da cidade de Delmiro Gouveia tornou-se para muitos um sonho em virtude de que estava trabalhando em “casa” e não necessitaria sair a procura de sustento para a família em outras regiões, a realidade era vista no semblante das mulheres, como quem passou para outras gerações o modo de trabalho e a situação real de adentrar ou permanecer trabalhando para essa empresa. Diante de uma narrativa de uma história oral, como falava Bosi, procura expor que "o narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história".³ O fato é a procura por uma explicação de alguns fatos dentro de uma história oral que possibilita a compreensão e desenvolvimento de uma sociedade em questão.

2 A FORÇA DA HISTÓRIA ORAL

Compreender uma sociedade necessita conhecer as suas raízes, contudo muito é perdido com o passar do tempo, por isto existe a necessidade de registrar a história oral, que é uma cultura que toda sociedade possui, mas pouco é registrado. A força da história oral impulsiona o conhecimento para as raízes de um povo, cada história esta atrelada a diversos ramos que se encontram em meio a situação real de uma sociedade. A força da história oral é a construção social, desenvolvendo uma conjuntura dentro de uma maneira de reconhecer as raízes através de conversas com pessoas idosas que falaram como desenvolver aquela região em que residia demonstrando pontos ímpares e facilitando a compreensão de condições específicas para um povo.

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. Já conhecemos o papel representado pela história oral no desenvolvimento de uma verdadeira história das mulheres, Gender History (História de gênero), que foi um dos grandes temas do último congresso internacional de ciências históricas de Montreal. Não tenho preocupação quanto a este ponto: o lugar e a importância das mulheres no progresso da história oral representam uma garantia. Mas, há, ainda, o mundo operário e o camponês - e o dos emigrantes (ALBERTI, 2000, p. 33).

A mulher é um símbolo de resistência e de persistência em sobrevivência com lutas pelo meio de seus espaços, tal como em garantir o seu erguimento dentro da história no qual muitos dos acontecimentos podem ser registrados através da potência da história oral que

³ BOSI, Ecléa, op. cit, p. 14

pode confirmar os entraves e avanços até o presente momento. Neste processo de integrar os caminhos, a mulher vem desenvolvendo e garantindo o seu espaço de independência, todavia não deixando de acolher o seu significado de ser mulher e abraçando sua integridade social e resistência. A história oral sempre esteve ativa para a garantia e a permanência dos caminhos do sucesso apesar das complexidades:

É preciso ir além, e seguindo os conselhos de nossa presidente, em sua comunicação ao congresso de Montreal, dar a palavra - amplamente - aos analfabetos e ao mundo da pobreza extrema: todos os que tiveram esta experiência conhecem a qualidade de certos diálogos, a justeza do tom e a riqueza dos testemunhos. Há, porém, além desses, o mundo dos deficientes, das crianças; tudo que é humano é nosso, e é preciso fazer recuar as fronteiras. Nossa conferência dá vários exemplos em todos os campos que acabo de evocar (Ibid.).

O rompimento do controle da massa social, favorece a introspecção do ser, construindo barreiras para o crescimento e a libertação, rompendo o atraso da pobreza e avançando a fronteira do relação social. A mulher neste viés confronta o autoritarismo de forma sutil deixando sua marca na relação de desenvolvimento e garantia de sucesso em sua história. Nesta circunstância do fazer histórico aflora o conhecimento para confrontar o contexto social, a memória não é oprimida, entretanto é contextualizada para favorecer o âmbito social atual. Neste sentido, a história oral abre o olhar a respeito dos pontos cruciais para o reconhecimento da veracidade dos fatos:

Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos (BOSI, 1979, p. 19).

O procedimento de desenvolver os mecanismos de socialização em um meio social necessita de uma identidade que favoreça a ação humana. Cada ser humano possui sua identidade, seja ela cultural ou não, entretanto possui o seguimento para a relação das condições sociais que possam justificar o seu processo de confirmação em relação ao meio.

2.1 A cultura oral

A cultura oral geralmente é passada de pai para filho, dando continuidade dentro do lar. O foco nos estudos dentro da cultura oral passou a ser melhor trabalhado dentro do meio acadêmico com entrevistas, questionários e conversas para garantir a existência desta cultura

que faz parte de todo o processo social. Para Morin (2002, p. 56): “A história de um povo deve ser mantida para que as gerações futuras possam se espelhar nas realidades em que foram acometidas por outras realidades e com isso aprender o que foi certo e errado para aquele momento”, contudo a cultura em que está enraizada nos bairros e as formas simples de um povo modesto e hospitaleiro:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Esta cultura está enraizada não só nos costumes, não obstante em crenças, credos e formas de melhor administrar a vida. Segundo Gonçalves (2013), o termo “cultura” passou por diversas interpretações que acompanham de alguma forma a ascensão social da classe alta europeia e o capitalismo em que a nova classe assenta suas bases ideológicas. Neste sentido, deixa o espaço para formulações de novas formas de sociedades, assim como formulações de como queira se relacionar.

Desenvolver a história vai além do imaginário, mas está dentro das perspectivas de fatos históricos, que podem fundamentar a realidade de uma época. Nesta ótica é fundamental para ser informacional para possibilitar o crescimento do conhecimento oral de uma comunidade. O ato de se relacionar em meio aos contrastes sociais estão cada vez mais acometidos para rever e modificar o meio. A cultura está no sentido também de adequação, quando não simplesmente já mistura o novo ao velho para que não exista, bem como um contraste para as novas adaptações e realidades que estão por vim.

A concepção descritiva de cultura refere-se a um variado conjunto de crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico. A concepção simbólica muda o foco de interesse com o simbolismo: (...) o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e ação simbólica. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Todo processo de cultura vai sendo desenvolvido durante um período que não existe uma determinação para o seu início ou seu fim, ainda assim sempre vai acompanhando os modos das vivências populares, seja em seu simbolismo ou não, que consegue se enraizar em um determinado tempo.

2.1.2 A identidade cultural

O Brasil é bem interessante quando se fala sobre a realidade dos seus tecidos, vestimentas, primeiro documento que comprova a manufatura de tecidos no Brasil é a carta de Pero Vaz de Caminha (1500) que narra “uma mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano não sei de quê aos peitos”. Segundo Stein (1979, p. 57), o algodão era tecido pelos índios antes da chegada dos portugueses, isto mostra a grande magnitude da realidade cultural que já existia neste continente.

A diferenciação está presente na identidade cultural e precisa sempre de um olhar mais inclusivo, dando o seu espaço para o caminhar. A realidade dos entraves peculiares para o camponês que passa ao capitalismo através de uma venda de força de trabalho modifica a identidade no sentido de abertura a uma nova roupagem, contudo não perde sua identidade, mas adapta a uma nova necessidade de sustento.

Pode-se afirmar que o grau de resistência de um sujeito individual ou coletivo, é tão forte quanto maior for seu suporte histórico, fortalecido nas suas práticas cotidianas; da mesma forma, sua fragilidade estará baseada na ausência destes elementos. Do exposto decorre que identidade, resistência e dependência cultural, são termos interrelacionados, o que implica tratá-los em sua inter-relação e reciprocidade: quanto mais forte for a identidade cultural, existirá maior resistência, portanto, menor dependência; quanto mais frágil for a identidade cultural, maior será a dependência, pois não haverá resistência (FERREIRA, 2008, p. 61).

A identidade cultural não é natural, e sim uma necessidade de referenciar a formação íntima do cidadão. Para Cucho (2002, p.187), “a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais”. Com isso, vai comprovando que as diferenças são o fortalecimento de uma nova cultura que nasce em meio a realidade de uma identidade cultural.

A revisão da maneira de pensar a identidade cultural visava o acolhimento social, visto que o movimento das massas abre espaço para novos olhares e conceitos do “eu”, dando o verdadeiro objetivo em viver em sociedade. Analisando os fenômenos sócio-culturais da contemporaneidade, respeitando o espaço do outro em referência ao cidadão, isto favorece a exclusão ou inclusão, não muito diferente da realidade da identidade que se formava mediante o coronelismo, do mandatário, do respeito pelo poder enquanto pessoa, dando as ordens para seu povo obedecer. Caminhos complexos para realmente ter essa identidade formada a partir dos entraves sociais momentâneos de uma forma de administrar perante os desfavorecidos

economicamente e recria um novo momento em meio aos contrastes da sociedade, em muitas situações facilmente visto nos sertões nordestinos.

2.2 Um pouco sobre a figura e realidades sobre o coronelismo no Alto Sertão

Leal (1980) narra que “a maneira pelas quais as relações de poder se desenvolviam na Primeira República, a partir do município” (p. 13). Ou seja, dentro de uma ótica mais recuada da visão do pouco que existia do Estado, mas dentro de um fragmento em que a capital não tinha como avaliar ou simplesmente governar. Com isso os coroneis torna-se figuras de frente do sistema, mandando diante de uma realidade obscura social que pouco desenvolvia o município, mas trabalhava para manter a ordem segundo seus princípios.

Segundo Carvalho (1997), o coronelismo era fruto de alteração na relação de forças entre os proprietários rurais e o governo e significava o fortalecimento do poder do Estado antes que o predomínio do coronel. Com o coronel abre o caminho para o sistema de barganhas, direcionando o seu próprio interesse, administrando para estratégias e manipulação populacional.

O coronelismo é algo que ultrapassava os limites de um território municipal, estadual ou federal, tratava de acordos e definições de comandos, não existia desordem, mas estratégias do coronel em manter o seu poder. O respeito era moeda forte em meio aos contrastes social da época. Carvalho (1997, p. 23), descreve pontos estratégicos da real finalidade de um homem com seus comandos perante os oprimidos. Figura central de uma região que não obedecia, mas determinava o que iria acontecer e como acontecer para sua região.

O sistema de mandonismo era característico da época, que com isso colocava o coronel no centro do poder local, seja ele em sua fazenda, seja ele administrando seu comércio, mas com o seu poder, as pessoas eram subordinadas de acordo com os interesses dos coronéis, seja por conquistar nos pedaços de terra ou simplesmente ter o controle de uma nova família.

O termo utilizado coronel, não estava atrelado a militares, mas a uma figura que determinava as ordens na região, passava por cima de governo, militares que pretendia cruzar as terras em que o coronel tinha os seus olhares, tinha que pedir permissão ou então pagaria caro por ‘desrespeitar’ o território do coronel. A força e o poder era algo que tornava-se algo para governar e rente o crescimento econômico. Forças que promovia o seu próprio

crescimento, assim como de sua família.

3 A FÁBRICA DE TECIDOS DE DELMIRO GOUVEIA-AL

A região alagoana sempre esteve travada em diversos dilemas sociais e épicos, com as variações de cultura e misturas de crenças, demonstrando assim um povo de batalha por sua sobrevivência e garantia de preservação de sua geração. A região que engloba, Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha a Mata Grande pertencia duas famílias Luna/Torres assim como em Pão de Açúcar família Maia, através do Coronel Elísio Maia.

O alto sertão alagoano sempre esteve cercado de conflitos, seca e esperança para alguns, como também esperteza dos grandes proprietários de terra⁴ diante da pobreza e dos prolongados meses de seca. Com isso avançava o descaso e a falta de humanidade pela vida, provocando o avanço da imigração para as diversas partes da federação brasileira.

A cidade de Água Branca, sempre esteve ligada a família dos barões e em seguida ao coronelismo, a roupagem do autoritarismo tornou-se o caminho para o sucesso e manutenção dos estatutos de famílias, não deixando outros agricultores render em suas terras, mas demonstrar respeito pelo coronel.

O povoado Pedra pertencia a cidade de Água Branca, comandada pelo Coronel Ulisses Luna, era líder político da região. Esse homem abriga em sua casa Delmiro Augusto da Cruz Gouveia em virtude de complicações pessoais que ele adquiriu em Pernambuco. Delmiro era comerciante e visionário que instalou uma usina hidrelétrica 26 de janeiro de 1913 nos cânions do Rio São Francisco com o nome de Angiquinho.

A usina proporcionou energia para o povoado Pedra, assim como para a fábrica de linhas Companhia Agro Fabril Mercantil que deu início as suas atividades no ano de 1914, em meados do mês de Junho, que pertencia a Delmiro, o trabalho foi desenvolvido para o crescimento, visando sempre o progresso para região, a fábrica produzia linhas, com isso o coronel Delmiro proporcionou geração de empregos para a região.

A necessidade de adentrar em uma nova realidade para o camponês demonstra os caminhos para a comercialização que surgia na Vila da Pedra. Com um trabalho mediante a força de trabalho para fortalecer o vínculo comercial e financeiro para a época. O avanço é desenvolvido mediante a força de trabalho do camponês do Alto Sertão alagoano. Uma fábrica de tecidos que procurava se firmar em meio aos contrastes regional.

⁴ Latifundiários

Com as instalações, mas apropriada para seus funcionários, como a vila operaria, facilitou o bom desenvolvimento dos operários, que aqui só se deparavam com a seca braba, com o avanço das máquinas pode ser percebido o crescimento. Neste sentido o coronel Delmiro desenvolveu o local, diante de esforço e dedicação rompendo assim com a seca e as realidades sociais da época.

A fábrica do coronel Delmiro, no começo desenvolveu uma linha de qualidade e preço mais baixo, com isso rebatia linhas da Europa, neste sentido Delmiro conseguiu adquirir inimigos poderosos do ramo industrial. Os caminhos para o coronel eram vastos, contudo ele sempre encontrava problemas para tentar romper seus interesses administrativos.

O desenvolvimento da fábrica de linhas vinha desenvolvendo a região impulsionando o crescimento, com atrativos para o trabalho em diversos setores, desde transporte em mulas, carroças, carros de boi ao próprio trem, neste sentido a circulação de pessoas facilitou o comércio e a melhoria de muita gente no sertão de Alagoas.

Foto da frente da Fabrica de Linhas



Fonte: Adair Nunes (acervo particular)

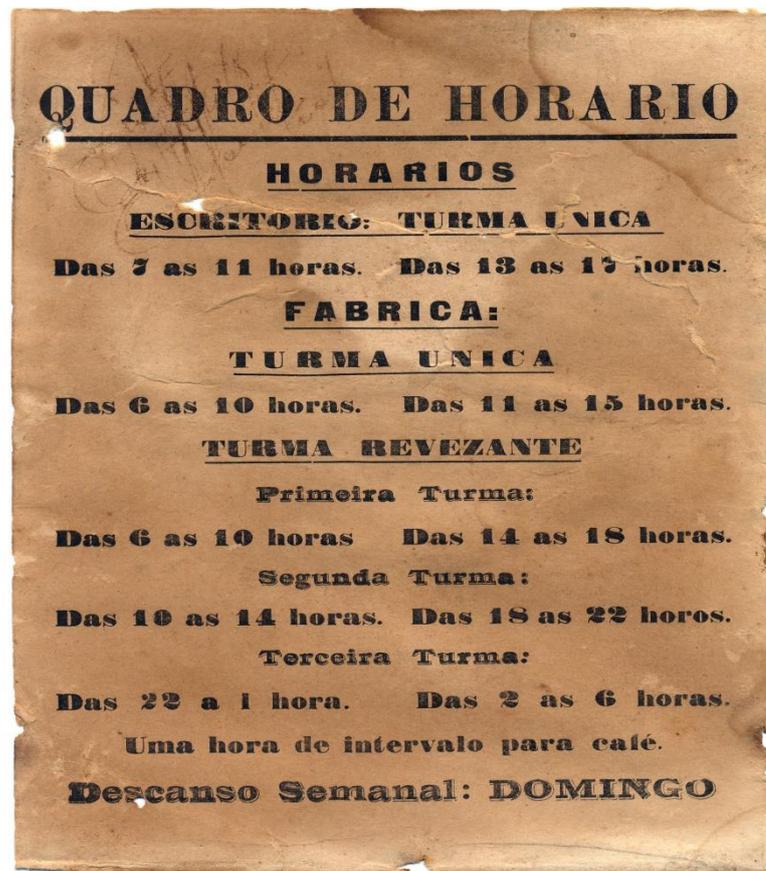
O diferencial do coronel Delmiro era produzir, contudo dando suporte para a qualidade de vida de seus operários assim como para toda a sua família, o trabalho, assim como as obrigações em estar presente as tarefas na fabrica, dava-lhe direito ao cinema e educação para seus filhos. Nas instalações da empresa as obrigações, com responsabilidade para a qualidade do produto. “[...] a Fábrica espaçosa e nela o ar era renovado de modo a não

prejudicar a saúde do operário” (SANT’ANA, 1996, p. 28).

No ano de 1914 não existia normas de segurança do trabalho, mas o coronel Delmiro proporcionava um local de trabalho amplo, com horários flexíveis, assim com descanso e pausa para um lanche, dando assim mais comodidade para o operário. Delmiro tinha uma visão de progresso, ele sabia que o seu funcionário estivesse bem o seu desenvolvimento no chão de fábrica lhe renderia mais lucratividade, assim como a qualidade seria um dos maiores objetivos para o crescimento.

O rendimento do operário era uma boa visão que o coronel Delmiro tinha, respeitando o seu descanso, cada passo foi fundamental para as melhorias e expansão de seu comércio de linhas, de diversas qualidades ao comércio de peles para o exterior, cada investida de Delmiro sempre gerava bons resultados para os seus comércios.

Foto: quadro de horários da fábrica de linhas Companhia Agro Fabril Mercantil



Fonte: Museu da cidade de Delmiro Gouveia (2019)

O coronel Delmiro ficou conhecido como um homem organizado, prezando por boas

maneiras, que gostava que todos estivessem bem arrumados e limpos, uma das características do povoado Pedra logo foi se destacando com um povo limpo e bem arrumado, com isso as doenças não surgia facilmente para os seus operários e familiares.

O coronel Delmiro presava por organização e melhoria nas condições de trabalho, com isso o crescimento do operariado se desenvolveu, como também ao progresso dos negócios. “Com as linhas para costura, bordado e croché e as diversas espécies de fios da Fábrica da Pedra, Delmiro Gouveia conquistou os mercados nacionais e levou os seus produtos às regiões do Prata e dos Andes” (ROCHA, 2012, p. 148). Com isso o crescimento foi se organizando:

A empresa contratou médico, farmacêutico e dentista, que assistiam gratuitamente a toda a população da Pedra, e encarregou-se de manter uma sortida farmácia para fornecimento de remédios aos servidores da companhia [...]O banho diário obrigatório e o uso de calçados- um tipo de alpercatas criado pelo coronel – entraram no seu plano educativo, em que também se inclui a manutenção de uma grande lavanderia, com água abundante e gratuita, acessível a qualquer pessoa da localidade. O uso de sabão e do pente mudou, por completo, o aspecto da população da Pedra, que usava roupas sempre limpas e exibia cabelos bem penteados (ROCHA, 2012, p. 140).

A qualidade de vida em que o coronel Delmiro proporcionou a seus colaboradores pode ser compreendido e respondido em sua expansão em seus negócios assim como em sua contratação de mais de mil funcionários em sua fábrica de linhas. A fábrica de linhas em pouco tempo se mostrou firme e consistente em sua qualidade.

Em virtude de seus cuidados com seus operários, assim como cuidados com o ambiente de trabalho favorecerão para que o trabalho fosse desenvolvido com mais qualidade, dando mais espaço para o trabalho, assim como maior qualidade de vida para operários e familiares, como a construção da Vila operaria que pode garantir um local limpo e agradável de morar, assim como criar seus filhos.

O funcionário, pensaria muito em sair deste povoado, em virtude destes direitos que o coronel ofertava no período em que estivessem trabalhando em sua fabrica, com isso garantia a permanência e o respeito do coronel. Trabalhavam, mas tinham a certeza de um dia mais favorável para seus filhos. Em meio à realidade de uma seca que estava sempre espreitando em todos os lados do alto sertão alagoano.

4 A HISTORIA ORAL DE 4 OPERÁRIAS

O trabalho em uma indústria têxtil sempre é difícil, jornada de trabalho, responsabilidade em desenvolver as tarefas, assim como produzir com qualidade sempre, independentemente de sua matéria prima. O colaborador sempre é considerado o responsável pela qualidade no produto final.

O trabalho de muitos na indústria têxtil esta afinado a garantir o sucesso e a qualidade do produto final. Muitos que deram a vida pela Companhia Agro Fabril Mercantil, percebiam a responsabilidade em trabalhar muito e pouco receber em sua jornada de trabalho. Muita cobrança e pouco reconhecimento em seu ordenado. A cada novo mês uma nova jornada para a sobrevivência.

Carmo Gomes

A dona do Carmo é um exemplo da atividade laboral na Companhia Agro Fabril, como no relato abaixo:

Dona do Carmosa ou do Carmo como a chamam começou a trabalhar na “Companhia Agro Fabril Mercantil” Fábrica de tecelagem velha aos 15 anos foi sua primeira seção, quando entrou na fábrica para trabalhar no horário das vinte e duas horas as seis da manhã, depois de alguns anos ela foi transferida para o líçador, só por um meses. Quando faltava operários e sua seção, dona do Carmo era chamada para tirar o horário dos operários, já na tecelagem dona do Carmo tecia, depois ia para o líçador, trabalha também no resídio um horário só depois trabalha em todos esses setores e seção colocaram ela no salão fazenda, lá no salão fazenda dona do Carmo trabalhava limpando as peças de pano, para cortar as peças para a venda elas limpava e cortava as peças de pano (Maria do Carmo)

Dona do Carmo Gomes, reside no Castelo Branco – Centro - Delmiro Gouveia, trabalhou 32 anos e 12 dias, para se aposentar, sua carga horaria no salão fazenda era das seis horas às onze da manhã e das treze as dezessete da tarde, só trabalhava a noite quando iam fazer serão uma vez ou outra quando precisava já na tecelagem entrava as seis da manhã e saia ao meio dia, entrava meia noite e saia pela manhã, dona do Carmo fazia um trabalho, tipo quando uma operaria precisava ir ao banheiro, ela ficava naquela maquina, quando a outra precisava ela ficava ate a outra operaria ir também ao banheiro ela supria sempre o horário das operarias, quando necessário, ela amava fazer esse trabalho e nisso ainda trabalhou um bom tempo no Resídio.

Segundo Maria do Carmo “as operarias tinha uma faixa etária de 15 a 18 anos, o dono da fabrica ainda era Antonio Carlos de Azevedo de Menezes”, esse periodo haveria muita

adaptação até se torna uma tecelã propriamente dita. Dona do Carmo ainda estudou até o 1º ano, mas quando foi trabalhar no résídio não estudava mais, ela relatou que trabalhou no salão de pano cru trabalhou por um bom tempo, nessa seção ela falou que o pano passava por um processo de P/ Branqueamento para ir a tinturaria P/ ser estampado e relatou que no setor de tingir os tecidos era um cheiro muito forte que algumas pessoas do setor começaram a adoecer, com o cheiro forte das tintas, mais no setor de tingir só trabalhava homens, com Dona do Carmo trabalhava no salão de fazenda, era bem próximo da tinturaria dava para sentir um pouco cheiro forte.

Dona do Carmo hoje reclama de alguns problemas de saúde e um deles é a audição que qual não escuta, devido todo o barulho das máquinas no período em que trabalhou, pois não usavam proteção contra o mal cheiro, cheiro das tintas dos tecidos, por trabalhar próximo a tinturaria, onde tingia os tecidos e nem um protetor no ouvido P/ proteger a sua audição relatou que nessa época, não existia nenhum tipo de material P/ proteção tipo luvas, aparelho ouvido, botas, capacete e pio fardamento, a roupa de trabalho, era as roupinhas tradicionais que usavam no dia a dia, tipo vestido, saia e blusa por que não existia fardamento.

Dona do Carmo residia no Sinímbu era muito humilde e pediu a sua mãe para procurar trabalho, já tinha uma irmã que trabalhava na fábrica, essa sua irmã que trabalhava na fábrica, essa sua irmã era casada e morava na cidade, a mãe de Dona do Carmo pediu P/ que ela não fosse trabalhar, pois era muito nova, mais dona do Carmo falou á sua mãe que não queria aquela vida de sofrimento não, queria mesmo era trabalhar na cidade e não no campo, dai foi morar com sua irmã Maria mais velha, ficou sabendo que a fabrica ia precisar de gente para trabalhar, ela e mais 3, todas da mesma idade, foram cedinho para a frente da fábrica, conseguiram entrar e falar com um dos gerentes Antonio Lopes e já começaram a trabalhar. O único documento que exigiram para fichar era o registro, mais como elas eram muito novas, eles orientava elas a tirarem o registro com a idade de 16 anos, iam tirar o registro em um dia, no outro dia já começavam a trabalhar, caso tirasse com a idade de 15 anos não trabalhava porque não podia fichar com aquela idade, Dona do Carmo falou com sua mãe que arrumou o dinheiro emprestado um tio, dai ela tirou o registro e começou a trabalhar, só tinha cartório na cidade de Água Branca, na casa grande da Fábrica quando precisava fazer os serão entrava as seis da tarde as oito horas da noite ofereciam um lanche, voltavam a trabalhar até as dez da noite sem parar (isso na casa grande).

Dona do Carmo não chegou a casar, ela se relacionou com um enfermeiro publico e teve 2 filhos, em sua 1º gravidez ela reatou que quando a mulher engravidava, só ficava trabalhando se tivesse quem a protege-se lá dentro, tipo um chefe, ela continuava trabalhando,

caso não tivesse ninguém era posto para fora e perdia o emprego.

Com ela foi diferente por ser uma funcionaria antiga e certinha, o seu chefe não á colocou P/ fora ao contrário segurou ela lá dentro, quando seu chefe sabia que o dono seu Antônio Carlos ia chegar de viagem, o chefe mudava Dona do Carmo de setor, colocava ela no setor da noite para que ele não visse ela grávida para não a colocar P/ fora, era transferida P/ o setor do Resídio, que era um setor mais afastado das outras seções e ele não ia visitar a noite.

Quando Antônio Carlos viajava, ela voltava para o salão fazenda, isso foi até quando ela ganhou o bebê.

Ela engravidou do seu segundo filho e alguns colegas da seção foram falar com o chefe deles e pediram para demiti-lá, segundo ela o gerente respondeu: que não colocava ela pra rua, por que ela era uma boa funcionária (operária).

E se ela já teve um filho trabalhando pode ter outro, ai ela continuou trabalhando, mas seu Antônio Carlos nunca a viu grávida, Dona do Carmo ia ao Sinimbu visitar seus pais ela e os outros operários iam no trem que vinha de Petrolândia e passava por Sinimbu.

Dona do Carmo criou os seus filhos, mãe solteira o emprego que tinha na Fábrica como operária Maria do Carmo Gomes se aposentou pela Fábrica por tempo de serviços, foi uma das operarias destaque que teve a honra de ser apresentada, ao presidente da republica, por ser uma funcionaria exemplar ao dono Antônio Carlos apresentou ela ao presidente da republica. O presidente era Figueredo naquela época, nessa visita do presidente e o seu vice na fábrica, Antônio Carlos conversou com Figueredo para fazer um empréstimo pois a fábrica não estava em boas condições, ele concedeu só que seu Antônio Carlos foi ao encontro em Brasília e o vice negou esse empréstimo, falou que ele não tinha aquele valor, pedido por ele não. Com pouco tempo seu Antônio Carlos cometeu suicídio, depois desse triste acontecido o valor do empréstimo foi liberado e chegou a Fábrica. Seu Antônio Carlos se suicidou com desgosto, a fabrica se encontrava em uma situação grave, sem ter dinheiro para cumprir os compromissos seu Antônio Carlos antes de cometer suicídio escreveu uma carta pedindo que não deixasse seus funcionários passarem fome. Seu Figueiredo tinha se prontificado de liberar esse empréstimo ia resolver a situação da Fábrica, mais infelizmente no seu próximo encontro vice acabou negando e aconteceu essa tragédia.

Maria José Pereira (mais conhecida como Mara) mora na rua 13 de maio Centro Delmiro Gouveia-AL nascida no ano de 1940

Entrou na fábrica aos treze anos de idade, mas naquela época não era como os tempos de hoje, que assim que nasce os pais já registram logo, a Dona Mara com 13 anos não tinha seu registro de nascimento, era a única documentação que eles exigiam para fichar na fábrica, mas antes de ser contratada Dona Mara foi informada, que teria que mudar sua idade no registro para 15 anos se não, não podia a emprega-la, no cartório para registrar o pessoal procurava a idade daquela criança no pai e registrava, a criança já grandinha, já com 12 e 13 ou 15 e 16 anos.

Dona Maria José trabalhou na fiação como balanceira e no escritório de manutenção dos fios, na balança seu serviço era pesar as canelas de linha, canelas de fio, quando as máquinas estavam cheias Dona Mara tirava todas as linhas e fios e lavava para a balança, pegava o numero da máquina e anotava e o nome da pessoa que estava trabalhando naquela máquina.

Depois Dona Mara foi trabalhar no escritório de manutenção, onde fazia todo o peso do algodão. La tinha as gramas o peso do algodão, naquela época o nome era “Companhia Agro Fabril Mercantil”.

Dona Mara teve um gerente no escritório seu Otacilio, que montou uma escolinha de contabilidade e de curso de datilografia, era uma escola particular, no antigo hotel Veneza, hoje o Executive Hotel, e seu Otacilio morava ao lado, hoje o antigo Bar Brazeiro, entrou bastante gente para essa escola, queriam se profissionalizar mais as operarias do escritório, depois de dois anos de o mais de curso, seu Otacilio foi demitido da Agro Fabril e teve que fechar a sua escolinha e seus alunos ficaram sem receber seus diplomas.

Adoeceu pegou uma alergia devido ao pelo e foi afastado de suas funções, com bronquite 3 vezes o medico afastou P/ se tratar e Dona Mara ficou pelo INSS varias vezes por conta de crises, O médico Ulisses naquela época deixou ela afastada durante 5 anos, durante esse tempo, sempre estava na rotina de fazer vários exames, mais era renumerada durante o período do afastamento, analisando os seus exames ele viu que ela não tinha mais condições de voltar a trabalhar por que o caso dela era grave e pediu a sua aposentadoria, logo foi aprovada e ela foi aposentada com 25 ou 26 anos de idade por invalidez.

Dona Mara relatou também sobre a crise que a fábrica passou nas mãos de seu Antônio Carlos ela relatou que era muito roubado na fábrica e a crise foi cada vez mais piorando, quando ele solicitou o empréstimo a Figueredo ele lhe concedeu e o seu vice mais na frente a negar e com isso acabou cometendo suicídio, antes desse acontecido Antônio Carlos escreveu uma carta, pedindo que não deixasse seus operários morressem de fome.

Dona Mara relatou também sobre seus colegas operários que várias delas saíram com

problemas de saúde, com muita tristeza, relatou também sobre o fardamento da fábrica, filha natural de Delmiro Gouveia operaria aos 13 anos demonstra um sentimento de auto tristeza.

Rosa da Costa dos Santos

Filha Natural de Delmiro Gouveia reside no Centro com frente a igreja da vila velha.

Dona Roza trabalhou no Agro Fabril (Fábrica) no ano de 1973 na fábrica ela disse que as colegas chamavam ela de pau para todas as obras, no serviço fazia de tudo um pouco.

Dona Roza entrou na fábrica já aos 20 anos de idade trabalhou 4 anos, casou e saiu quando engravidou de sua primeira filha saiu grávida no ano de 1977, foi se dedicar a vida a família e ao esposo, Dona Roza relatou que achava que nunca mais ia voltar a trabalhar na fábrica, mais em 2008 aumentou a produção na fábrica e conseguiu chamar umas ex operarias para retomar o trabalho e Dona Roza foi uma delas, voltou a trabalhar em 2008 até os anos de 2014, por que foi a partir desse ano que a fabrica fracassou, e ela deu entrada em sua aposentadoria, que veio sair no ano de 2019, Dona Roza trabalhou 4 anos no setor de lençol A Fabrica tinha o nome de “Companhia Agro Fabril Mercantil” depois de um certo tempo o grupo Carlos Lyra comprou.

E mudaram para Fábrica da Pedra, foi o segundo nome que a Fábrica aderiu, Dona Roza que era filha de operaria da fabrica ele trabalhava como guarda e seu pai na ‘casa grande’, era um dos homens de confiança de seu Augusto Carlos.

Dona Roza relata que quando o dono Antonio Carlos não admitia que os chefes de turma maltratassem seus operários, era para serem tratados todos por igual, Dona Roza especificou que quando viu a cena de um chefe chamando atenção de um operário de forma humilhante aquele chefe chamava atenção do operário em sua sala.

Já no ano de 1973 em que a Dona Roza começou a trabalhar já existia fardamentos, calça e blusa. A calça azul e a blusa azul mais claros também todos os operários eram de farda, e os chefes também usavam uma calça preta e uma blusa laranja discreta, nisso Dona Roza trabalhou 13 anos e meio, quando chegou a triste notícia do fechamento da fábrica, ela relata que hoje muitos dos seus colegas estão depressivos graças ao acontecido, inclusive ela mesmo tem um medo enorme de entrar em uma depressão, senti falta do seu trabalho e diz não conter as lagrimas quando passa em frente e ver todas as paredes indo ao chão. Para alguns o sentimento é muito forte e dolorido por conta da idade ficou muito difícil arrumar emprego por conta da idade e da escolaridade, muitos pararam os seus estudos por que não dava para conciliar com o trabalho.

Dona Roza relata que antigamente por ter estudo até o quarto ano poderia arrumar um emprego melhor, não como hoje que precisa ter vários cursos e ser formado, ela também expressa o uso da tabuada e critica o uso da calculadora, e fala que antigamente nossa cabeça era uma máquina, não precisava dessas máquinas portáteis como hoje, falou das maquetes fácil que fazia o papel de calculadora.

Dona Roza perdeu muito de sua audição, ouvi pouco com muita dificuldade, já presenciou vários acidentes com suas amigas operárias, na seção de trabalho. Nas máquinas de costura ela relatou que quando elas iam embaiar os lençóis, que empurrava com o dedo maior de todos a agulha enganchava nos seus dedos e elas começavam a gritar, aí os chefes vinham correndo para às socorrerem, chegando eles chegavam e rodavam a roda da máquina para a agulha subir e desenganchava dos seus dedos, levava elas para uma sala de médico e essa pessoa só voltava depois de 3 ou 5 dias, quando tivesse bem melhor, ela lembra muito é do barulho das máquinas, segundo ela era de mais, o que prejudicou muito sua audição, mesmo com o uso do protetor no ouvido, usou por pouco tempo, mais a prejudicou muito. Passou por que duas das suas amigas mais próximas perderam completamente a audição, quando acontecia os acidentes elas iam para o ambulatório era onde era o café, lá só fazia o curativo, e no hospital fazia os exames de sangue. A operária só retornava quando estava pronta apto para o trabalho.

Quando Dona Roza começou a trabalhar no ano 1973 ela entrava as 7:00 da manhã e saía as 11:00 e entrava as 13:00 da tarde e saía as 17:00 já no ano de 2008 quando voltou a trabalhar entrava as 08:00 e saía as 12:00 entrava as 14:00 e saía as 18:00.

No período de 1973 entre as tinha os intervalos para o lanche as 09:00 da manhã e as 16:00 da tarde.

Nesse ano que Dona Roza entrou na fábrica podia engravidar e continuar trabalhando, mais não foi o caso de Dona Roza que quis se dedicar a família, os seus chefes era quem não queria demitir uma operária exemplar. A fábrica na época segundo ela empregava 3,000,000 pessoas quando declarou falência não tinha nem 600 funcionários completos, os operários alguns que já vinha com o salário defezado colocaram a fábrica na justiça para obter todos os seus direitos trabalhistas e ganharam a maioria.

Maria Doloroza

Reside na rua 13 de Maio centro de Delmiro Gouveia, Filha Natural de Água Branca, Dona Doloroza tem hoje 87 anos, quando entrou na companhia “Agro Fabril Mercantil”, tinha

14 anos no ano de 1946, hoje a senhora Doloroza tem 46 anos de aposentada. “As condições insalubres advindas com a Revolução Industrial não pouparam nem mesmo as mulheres e principalmente as crianças das longas e cansativas jornadas de trabalho”. (LIMA, 2015, p. 62)

Na época quando dona Doloroza entrou na fábrica, a única documentação que era exigido, era registro que nem isso ela tinha, segundo ela foi fala com sua mãe quantos anos tinha, a sua mãe respondeu que tinha 14, Dona Doloroza começa a trabalhar e receber seu salário completo tinha que ter 16 anos, no registro, foi onde sua idade foi alterada para 16 anos, nessa época todos os registros eram tirados em Água Branca na cidade Delmiro não tinha cartório e nem padre, ela foi até Água Branca tirar o registro P/ fechar.

Filha de um barbeiro, dono de 3 barbeiro em Água Branca, Delmiro e Tabuleiro onde ela e sua família residia com sua mãe e mais 4 irmãos, quando ela estava com seus 14 anos o seu pai deu um derrame e perdeu todo o movimento da mão esquerda, e não pode trabalhar mais. Teve que vender todas as barbearias, sua mãe que trabalhava para Zé Torre viu toda a situação da sua família e ficou comovido e perguntou a mãe de dona Doloroza, se ela aceitava que ele falasse com os gerentes da fábrica que ele conhecia P/ arrumar um emprego para o seus filhos, Doloroza falou a mãe que queria muito trabalhar por que a situação estava ficando ruim com seu pai sem poder trabalhar e Zé Torre ainda perguntou aos seus 4 irmãos homens se eles queriam vir pra a cidade de Delmiro para trabalhar, eles no início até falaram que iam e foram trabalhar, era um mês de junho chuvoso, Dona Doloroza e seus 4 irmãos, entrava no horário das 22:00 as 06:00 da manhã, como eram de sitio eram acostumados a dormir cedo, só foram trabalhar nos primeiros dias e não foram mais e no tempo chuvoso, iam trabalhar na chuva chegavam todo molhados na fábrica, daí falaram que não estavam doidos trabalharem uma hora daquelas e pediram para sair 3 e o outro irmão ficou tocando cavaquinho no conjunto, uma banda de música que tinha na fábrica e ela também, continuou trabalhando e era a das mais nova dos filhos continuou trabalhando para poder sustentar seus pais, seus irmãos mais velhos, não se adequaram com a carga horaria da fábrica, um foi trabalhar de sapateiro, o outro de alfaiate...para alguém trabalhar na fábrica bastava conhecer alguém, lá de dentro que levava para falar com o gerente e no outro dia levava o registro e já começava a trabalhar. Doloroza passou que sua mãe trabalhou na fábrica, na época de Delmiro Gouveia, Doloroza perdeu seu pai que na época faleceu com 80 anos e sua mãe ua antiga operaria da época de Delmiro Gouveia faleceu aos 98 anos.

Dona Doloroza trabalhou no setor de resíduo seção que fazia fio de rede, seu Camido pai do “Finado Fernando Aldo” ex-delegado da cidade de Delmiro Gouveia, era quem pegava os sacos de fio. Trabalhava com rede, cortina e lençóis, isso toda semana seu Camido levava

um caminhão desse material cheio de fio para caraibeiras da fábrica.

Dona Doloroza morava no sítio povoado tabuleiro de Água ranca, e vinha de Água Branca para Delmiro a pé, e ficava na casa de parente ara poder trabalhar, perguntei a ela se no setor que ela trabalhava existia pessoas mais novas que ela de 14 anos, ela respondeu: que tinha de 12 anos e de 16. Tanto mais nova com mais velha.

Na época o dono da “Companhia Agro Fabril Mercantil” era Antonio Carlos Menezes.

Dona Doloroza trabalhava seus horários, diferenciados tipo uma semana ela entrava as 06:00 da manhã e saia as 10:00 do dia, entrava as 14:00 da tarde e saia as 18:00 da noite, isso por que em antes, passou um tempo entrando as 22:00 e saindo as 06:00 da manhã, perguntei como ela fazia para estudar, ela passou que antigamente era muito atrasado e que estudou pouco na cidade m Água Branca até os 14 anos e aprendeu o básico para escrever uma cartinha e seu nome, segundo Dona Doloroza só tinha o ABC, cartilha da mãe, primeiro, segundo e terceiro e quarto ano, no quarto ano, no quarto já se formava, o pessoal do escritório só tinha até o quarto ano, caso quisesse estuda mais tinha que ir P/ capital.

Dona Doloroza relatou também que na sua época de trabalho em 1946 na fábrica a maioria vinha a pé para a cidade de Delmiro Gouveia outros ficavam em casa de parentes e iam embora aos fins de semana, nas folgas, os meios de transporte que eram mais ousados era o trem ou cavalo, o trem que fazia linha de Piranhas P/ taparica, automóvel ela quase não ouvia fala.

Dona Doloroza passou que com passar dos anos seu Antonio Carlos modificou o horário de trabalho para uma semana uma turma entrava 12:00 meio dia e saia as 18:00 da tarde outros 06:00 da manhã e saia de meio dia e de 18:00 e 00:00 saia meia noite, a maioria tentava conciliar o estudo com o trabalho por conta das mudanças de horário, a maioria das mudanças de horário, a maioria estudava na escola de Delmiro Gouveia, nessa época a fábrica estava a todo o vapor, tinha muito serviços, onde tinha um salão fazenda, salão de liçador-ordideira era uma máquina que só trabalhava pelo dia – liçador era uma máquina de colocar os fios e as linhas.

Quando Dona Doloroza começou a trabalhar segundo ela a fábrica empregava mais de 2.000.000 não sabia ao certo mais ela passou que era mais ou menos isso 2.000.000 a 2.500.000 operários, sobre a questão de alimentação ou lanches na fábrica.

Ela respondeu que, quem entrava no turno das 22:00 tinha um cafezinho as 01:00 da manhã coisa que assim que ela entrou não tinha, Dona Doloroza adorava seu trabalho, fala que hoje senti saudades e não achava um trabalho puxado não, seu trabalho na fábrica era tirar as canelas e colocar as bolbinas para as máquinas encher, quando a maquina enchia, elas

paravam por si só ela retirava e colocava outros novamente, a questão do barulho das máquinas prejudicou muito a saúde de seus colegas operários, segundo ela, a dela não prejudicou nada, relatou que suas amigas perderam a audição por completo, devido o barulho das máquinas, segundo ela naquela época não existia um aparelho para proteger a audição, e muito menos mascara, ela respondeu que não existia nada, nem medico tinha na cidade era tudo em Água Branca, ela não relatou nenhum tipo de acidente com suas amigas operarias, hoje Dona Doloroza vive de seu aposento que conseguiu após 30 anos de trabalho, o Dono Antonio Carlos Menezes quando dona Doloroza saiu para se aposentar da fábrica, como ela não tinha falta no trabalho o Antonio Carlos mandou dar a casa que ela vive até hoje, como pagamento de contas dos 30 anos de trabalho e mais R\$ 7.000.000 cruzeiros, durante esses anos ela trabalhou só em um setor que foi no resíduo.

5 CONSIDERAÇÕES

A realidade de trabalhar em uma fabrica têxtil não é trabalho simples. A realidade operaria é bem complexa para garantir o sustento da família. As mulheres que acabaram adentrando a esse mundo sabem a dificuldade em cumprir os compromissos ate chegar o seu aposento, com complicações de saúde e uma vida perdida em virtude dos horários loucos. Ou descansava ou tinha uma vida social.

Com isso o resgate das memórias de 4 operárias da Fabrica da Pedra vai além de uma conversa em sua residência, mas demonstra a resistência e continuidade pela vida enquanto guerreiras do sistema capitalista. O processo laboral em meio a realidade de do trabalho noturno corrói a realidade de lazer, trazendo consigo a necessidade de dormir para esta preparada para mais uma jornada.

O trabalho infantil imperava neste período em que iniciou as atividades da fabrica ate por volta dos meados dos anos 80, colocava a adolescente para inicio em atividades de faxina a processos mais simples na fiação, para que com isso possa desenvolvendo no (a) adolescente o compromisso com a empresa, cada passo sempre bem elaborado para a continuidade nos processos do trabalho.

Era comum o trabalho infantil no Brasil nas fabricas têxteis, tanto para a facilidade de pagamentos como para com poucas palavras conseguir ludibriar o futuro tecelão, com isso o processo de crescimento e favorecimento de muitas famílias para colocar seus filhos para completar o orçamento familiar. essa realidade , se torna mecanismos para a continuidade do trabalho.

A fabrica têxtil da cidade de Delmiro Gouveia era de grande porte, com isso tinha facilidades em manobrar seus interesses em favor de seu crescimento. Com baixos salários conseguia manipular a classe trabalhadora, que via em sua essência um crescimento e formas de crescimento e segurança para a cidade e sua família.

A historia desta indústria esta encravada na memoria deste povo, rupturas e desenvolvimento envolvidos com o meio social familiar, contudo as gerações sempre lembrarão do seu crescimento econômico e formas de manter as familiar do sertão em seu lar, mas que tinha o seu processo laboral-capital a ser correspondido frente as suas necessidades e forma de manter o crescimento do lar.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual**. Dados vol. 40 no. 2 Rio de Janeiro 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003. Acesso em 24 jun. 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Globalização e identidade cultural na América Latina**. 2ª edição. São Paulo: CELACC, 2008.

GONÇALVES, Maurício Osório. **Tradição oral e tradição escrita: uma análise sobre o projeto Griô e suas implicações nas práticas escolares da educação formal**. 2013. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/579-1619-1-PB.pdf>. Acesso 21 jan. 2020.

LEAL, Victor Nunes. **O Coronelismo e o Coronelismo de Cada Um**. Dados, vol. 23, nº 1, 1980. pp. 11-14

LIMA, Marcos Ricardo de. **Trabalho, educação e infância: considerações sobre o trabalho como princípio educativo em Marx**. SANTOS, Ana Maria dos; LIMA Marcos Ricardo de. (Org). **Infância, Educação e Educação Infantil: diferentes cenários e perspectivas**. Edufal, 2015

MARX, K.; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classe na Rússia**; Boitempo, 2013.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia**: o pioneiro de Paulo Afonso. – [Edição fac-símile]. – Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

SANT’ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia**, 1917 – 1994. Precedida do ensaio biográfico “Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF”. Recife, Companhia Elétrica do São Francisco – CHESF, 1996.

STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil** – 1850/1950. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica dos meios de comunicação de massa. São Paulo: Vozes, 1995. 427p.